

CRÍTICAS À IRREALIDADE DO TEMPO DE JOHN MCTAGGART

Augusto Simões Cunha¹



**Ceci n'est pas un John M. E. McTaggart*

¹ Bacharel em Direito pela USP (1998); Bacharel em Administração Pública pela FGV (1999); Master of Laws (LL.M.) por The University of Liverpool (2003); Bacharel em Filosofia pela USP (2013); Especialização em Filosofias das Índias Antigas pelo Instituto Paulista de Sânscrito (IPS) (2016); Mestrando em Filosofia pela Unesp, na linha de pesquisa de Lógica, Epistemologia e Filosofia da Consciência. augusto.cunha@unesp.br

Resumo

John E. McTaggart não existe, nem é real. O filósofo *mitificou* o tempo e asseverou que o tempo era irreal. Na mitologia grega, Chronos é o rei dos titãs e o deus do tempo inexpugnável, que a tudo devora, inclusive a realidade de McTaggart. O filósofo apresenta duas maneiras de se distinguir posições no tempo: as Séries A e B. Na Série A, os eventos ocorrem no tempo com as noções de passado, presente e futuro, mudando sua posição temporal e o valor lógico de verdade das proposições que descrevem os eventos. Já a Série B é estática e não permite a mudança no valor de verdade das proposições que descrevem os eventos: anteriores, posteriores ou simultâneos. A realidade das Séries A e B levariam a uma contradição, devendo ser rejeitadas. Nada muda, nem seria, realmente, passado, presente e futuro. A filosofia teísta de Martin Luther King Jr rejeita a irrealidade do tempo de McTaggart. Para Dean W. Zimmerman, caso se sustente que Deus existia inscrito no tempo e fosse imutável antes da criação, a relação necessária de McTaggart entre tempo e mudança estaria descartada *ab initio*. Mas para McTaggart, o Homem (ou a alma) é eterno e real. A lacuna explicativa de McTaggart, tendo de um lado o tempo irreal e, de outro, a eternidade do Homem, é preenchida pelo *Sāṃkhya* (uma filosofia indiana), que distingue tempos e espaços absolutos e relativos.

Palavras-chaves: irrealidade do tempo, McTaggart, Séries A e B, *Sāṃkhya*, tempo absoluto, tempo relativo.

1. A Irrealidade de JOHN M.E.TAGGART

Hoje, John E. McTaggart não existe. Logo, John E. McTaggart não é real.

Dizem que um certo John E. McTaggart nasceu em Londres, Inglaterra, em 03 de setembro de 1866 e que morreu também em Londres, Inglaterra, em 18 de janeiro de 1925. Supostamente, McTaggart se casou em 1899 com uma certa Margareth Elizabeth Bird, mas de seu matrimônio nenhum filho nasceu. Quanto mais o tempo passar, mais inverossímil será o postulado de que McTaggart, um dia, foi real.

O Dicionário Oxford (2017) conceitua o tempo como “o progresso contínuo indefinido da existência e de eventos que ocorrem em uma sucessão aparentemente irreversível do passado, através do presente, para o futuro”. Até onde se sabe, não há parentes, amigos ou contemporâneos vivos de McTaggart, ou de outra forma alguém que possa indubitavelmente testemunhar que McTaggart, alguma vez, existiu.

Quanto mais giros a Terra der em torno de si mesma e em torno do Sol, maior será a nossa incapacidade de imprimir qualquer rastreabilidade à existência ou realidade de McTaggart. Daqui a uns dois mil e quinhentos anos, McTaggart não passará de mais um nome ao qual se atribuirá determinada literatura filosófica, tal e como Sócrates, Platão e Aristóteles.

Sócrates, por exemplo, é uma espécie de mito, pois não se conhece nada escrito por ele, nem se sabe direito onde e quando viveu boa parte da vida. Já Platão usava de mitos para educar seus leitores e interlocutores em filosofia. Por meio de mitos, Platão apresentou certas ideias filosóficas e educacionais para motivar o leitor a buscar virtudes e outros valores em sua mitologia, de forma similar às ideias literárias de Homero.

Enquanto os mitos de Platão, nas mãos de Sócrates ou de seus interlocutores, são lançados como relatos, demonstrações e explicações, sua força não depende de fatos verificáveis. Muitos *insights* filosóficos importantes podem ser encontrados através da mitificação, porque o ato de mitologizar, nas mãos de Platão, era uma forma de investigação filosófica e de argumentação normativa. O tempo platônico, experienciado no mundo sensível, era definido como a imagem móvel da eternidade, inscrita no mundo inteligível.

Embora influenciado por Platão, a concepção aristotélica do tempo difere da platônica. Se tempo, movimento e mudança encontram-se intimamente relacionados, Aristóteles argumenta que um não pode ser identificado com os outros. Não existe tempo se não há movimento ou mudança, postulado ao qual McTaggart aderirá. Inclusive no que tange ao tempo mental, se nada mudasse em nossas mentes, não teríamos consciência do tempo.

Passados mais de dois milênios, influenciado por aquele que mitificou a realidade ao negar a existência da substância material (George Berkeley, 1658-1753), McTaggart mitificou o tempo e, partindo de postulados aristotélicos, afirmou ser o tempo irreal. Ou seja, o progresso contínuo indefinido da existência e de eventos que ocorrem em uma sucessão aparentemente irreversível do passado, através do presente, para o futuro, corresponde a um conjunto de movimentos e mudanças espaciais, inscritos em um tempo convencional, irreal e ideal.

Na mitologia grega (GRAVES, 1955), Chronos é o rei dos titãs e o deus do tempo. É o mais jovem dos titãs, filho de Urano, o céu estrelado, e de Gaia, a Terra. Sobretudo quando visto em seu aspecto destrutivo, Chronos era experimentado como o deus do tempo inexpugnável, que rege os destinos como fatalidades e que a tudo devora, inclusive a realidade de McTaggart.

2. A Irrealidade do Tempo

McTaggart inicia sua investigação perguntando se alguma coisa que existe pode possuir a característica de estar no tempo, ao que busca provar que não. Apesar do filósofo reconhecer que se trata de um pensamento contrário ao sentido comum, ele argumenta que nas filosofias e religiões ocidentais e orientais, a crença na irrealidade do tempo foi e continua a ser persistente.

A mitificação do tempo não seria algo originalmente atribuído a McTaggart, pois em seu entender, “nem a filosofia e nem a religião permanecem por muito tempo afastadas do misticismo e quase todos os misticismos negam a realidade do tempo”. Na filosofia ocidental, sabemos que o tempo é tratado como irreal por Spinoza, por Kant, por Hegel e por Schopenhauer, embora por razões diversas daquelas defendidas por McTaggart.

Em seu célebre artigo intitulado *The Unreality of Time* (McTaggart, 1908) (*A Irrealidade do Tempo*), publicado na revista *Mind* em 1908, McTaggart argumenta que nossa percepção do tempo é uma ilusão e que o tempo é meramente ideal. McTaggart apresenta duas maneiras de se distinguir posições no tempo: as Séries A e B, argumentando que a Série A é essencial para o tempo e que, quando aplicada à realidade, leva a uma contradição: nem o tempo, nem a Série A, seriam reais.

Na Série A, os eventos são posicionados no tempo através das noções de passado, presente e futuro, permitindo que os eventos mudem sua posição temporal, pois nela um evento que é futuro torna-se presente e depois passado. E, assim, ao falar de um evento que ele é um evento futuro, tal proposição seria, às vezes, verdadeira e, às vezes, falsa.

Por exemplo, a proposição “o nascimento de Anne é futuro” é verdadeira durante todo o tempo passado ao nascimento de Anne e é falsa durante todo o tempo futuro ao nascimento de Anne. O posicionamento temporal provido pela Série A permite que haja uma mudança no valor lógico de verdade das proposições que descrevem os eventos.

Contrariamente à dinamicidade da Série A, a Série B é pensada por McTaggart como estática, pois não permite a mudança no valor de verdade das proposições que descrevem os eventos nela posicionados, e nem permite que haja mudanças em suas posições temporais, já que o posicionamento dos eventos é realizado através das noções de anterioridade (*antes de*), posterioridade (*depois de*) e simultaneidade.

Se, por exemplo, “a concepção de Anne” é anterior ao “nascimento de Anne”, então nada que ocorra poderá mudar sua posição temporal e nem o valor de verdade desta proposição. Se mudarmos a posição temporal, resultando em “o nascimento de Anne é anterior à concepção de Anne”, a proposição resultante seria logicamente falsa.

Para verificar se tais Séries são objetivas, ou seja, se fazem parte da realidade ou, por outro lado, se seriam subjetivas, mentais ou ideais, o filósofo busca aplicar a noção de tempo e das Séries A e B à realidade. Embora tanto a Série A, quanto a Série B sejam condições necessárias para o tempo, apenas a Série A é suficiente. Assim, se não houver a necessária Série A, não há tempo e, ao existir a Série A, seguir-se-ia (suficientemente) a existência do tempo. Para concluir que o tempo é irreal, Rodrigo Cid (Cid, 2011) sintetiza os argumentos de McTaggart, da seguinte forma:

(1) tal e como para Aristóteles, para quem não existe tempo se não há movimento ou mudança, para McTaggart o tempo, necessariamente, envolve mudança;

(2) se o tempo se constituísse apenas da Série B, não haveria mudança, pois nesta Série B nenhum evento muda, sendo, portanto, descartada;

(3) a mudança só é possível na Série A;

(4) a única característica do evento que pode mudar, sem torná-lo outro evento, é sua posição (se ele é passado, presente ou futuro) na Série A;

(5) dependendo de sua posição na Série A, todo evento é passado, presente e futuro; mas

(6) nenhum evento pode ser passado, presente e futuro, ou “passado e não passado”, “presente e não presente” e “futuro e não futuro”, a fim de evitar-se contradições lógicas;

(7) portanto, a Série A é um componente necessário de qualquer teoria completa do tempo e, ao mesmo tempo, ela é autocontraditória, o que significa que não há como dizer de coisa alguma que a mesma é passada, presente ou futura;

(8) logo, o tempo tampouco pode representar a realidade, sendo irreal. Em outras palavras, não há tempo e nossa percepção do tempo é uma ilusão incoerente (Cid, 2011).

Para desenvolver sua filosofia do tempo, McTaggart se baseou em Isaac Newton, que concebeu o tempo físico absoluto como uma abstração matemática (isomorfo com a "reta real", ou seja, uma reta cujos pontos correspondem aos números Reais). O objetivo último de McTaggart era provar que o tempo não era físico, pois a Série A seria ideal/subjetiva (Berkeleyana) e a Série B seria ideal/abstrata (Platônica).

Uma questão central na filosofia de McTaggart é a sua concepção de *mudança*. O filósofo argumenta que é impossível, ao se conceber a mudança, que um evento deixe de ser um evento e seja transmutado em outro evento, pois um evento nunca poderia deixar de ser um mesmo e único evento, nem nunca poderia sair de qualquer série temporal em que já existiu.

Assim, se N for sempre anterior a O e posterior a M, ele sempre será, e sempre foi, anterior a O e posterior a M, uma vez que as relações de anterioridade e posterioridade são permanentes. E como o tempo seria constituído apenas por uma Série B, N sempre terá uma posição em uma série temporal. Isto é, sempre será, e sempre foi, um evento, e não pode começar ou deixar de ser um mesmo ou outro evento.

McTaggart rejeita a ideia de que um evento M se funde em outro evento N, enquanto preservaria uma certa identidade por meio de um elemento inalterado, de modo que fosse possível dizer não apenas que M cessou e N começou, mas que M “se tornou” N. Para o filósofo, ainda que M e N tenham elementos comuns, eles não são os mesmos eventos: M deixou de ser M e passou a ser N. Do contrário, não haveria mudança.

Assim, cada evento teria seu próprio lugar na Série B, uma vez que cada um seria anterior ou posterior a outro. E como a Série B indica relações permanentes, nenhum momento jamais poderia deixar de ser, nem poderia se tornar outro momento. Dentre as características de um evento que podem mudar sem alterá-lo em outro evento estão as “qualidades” que o evento possui e as “relações” do evento com as posições que ele ocupa na Série A.

Por exemplo, no caso da morte de Anne, como vimos acima, este evento começa por ser um evento futuro distante, tornando-se a cada momento um evento futuro próximo e, por fim, este evento se atualiza no tempo presente. Imediatamente após, torna-se um evento passado próximo, tornando-se a cada momento em um evento passado cada vez mais distante.

McTaggart conclui que toda mudança é apenas uma mudança nas características transmitidas aos eventos por sua presença na Série A. Se tais características são qualidades, então os eventos não seriam sempre os mesmos, já que um evento cujas qualidades se alteram não seriam completamente iguais. E no caso das relações, os eventos tampouco seriam completamente os mesmos, se a relação de X com Y envolve a existência em X de uma qualidade de relacionamento com Y.

Assim, sendo o tempo irreal, a admissão de que um evento no tempo mudaria em relação à sua posição na Série A não envolveria realmente alguma mudança. Então, sem a Série A, não haveria mudança e, conseqüentemente, a Série B por si só não seria suficiente para o tempo, pois o tempo envolve mudança. Segue-se que não pode haver Série B onde não há Série A, já que onde não há Série A não há tempo.

Para argumentar que a Série B não é fundamental para o tempo, pois nela não há mudança temporal, McTaggart mostra que a união da Série A com uma terceira série formada por uma ordenação não temporal (chamada Série C), como a série das letras do alfabeto, poderia originar uma espécie de tempo sem as direções da Série B e sem as relações ou mudanças de posição da Série A.

Assim, uma Série C formada por X, Y, Z e sem a direção da ordenação, poderia ser lida como Z, X, Y. Se fosse uma Série B, a ordenação determinaria que X é anterior a Y e a Z, e que Y é anterior a Z, o que mostra que a Série C não substitui a B. O tempo irreal seria formado

pela junção das Séries A e C, onde aquela proveria a mudança e a direção e esta daria o próprio conjunto ordenado de eventos. Somente as Séries A e C seriam fundamentais para formar o tempo e, sem a Série A, não há realidade no tempo.

Após provar que não pode haver tempo sem uma Série A, restaria provar que uma Série A não pode existir e que, portanto, o tempo não pode existir, sendo irreal. Para tanto, McTaggart pergunta se “passado”, “presente” e “futuro”, são relações ou qualidades, ao que defenderá que se tratam de relações. Algo é passado, ou presente, ou futuro, se estiver em relação com alguma outra coisa fora da série temporal.

Para o filósofo, essas relações são simples e indefiníveis, sem que sejam isoladas e independentes, pois não há como saber qual é o significado da relação de “estar no passado” se não soubermos o significado de “estar no presente” ou “estar no futuro”. Assim, deve-se começar com a Série A, ao invés de passado, presente e futuro como termos separados.

Ademais, passado, presente e futuro são determinações incompatíveis. McTaggart defende que cada evento só pode ser determinado de uma forma, mas nenhum evento pode ter mais do que uma determinação. Um evento no passado é exclusivamente passado, o que se faz essencial para a mudança e para o tempo, pois as únicas mudanças são do futuro para o presente e deste para o passado.

No entanto, ocorre que todo evento possui todas estas características. Se um evento é passado, ele foi presente e futuro. Se é futuro, ele será presente e passado. Se o evento é presente, ele foi futuro e será passado. Assim, todas as três características pertencem a cada evento.

Uma possível objeção seria discutir regras de sintaxe e de semântica, pelas quais nunca seria verdade que um evento seja presente, passado e futuro: em realidade, ele é presente, será passado e foi futuro. Ou então ele é passado e foi futuro e presente ou, novamente é futuro e será presente e passado. Não há simultaneidade de características e não haveria qualquer contradição com o fato de que cada evento tenha todas estas características sucessivamente.

No entanto, quando dizemos que um evento é presente, será passado e foi futuro, significa que tal evento é presente em um momento do tempo presente, passado em algum momento do tempo futuro, e futuro em algum momento do passado. Mas todo momento, como todo evento, é tanto passado, quanto presente e quanto futuro. Assim, todos os momentos do futuro, em que tal evento será presente ou passado, são igualmente momentos do passado. E assim por diante, indefinidamente.

McTaggart equivale este infinito a um ciclo vicioso. A atribuição das características de passado, presente e futuro aos termos de qualquer série leva a uma contradição, a não ser que seja especificado que eles as tenham sucessivamente. Isso significa que eles as têm em relação a termos especificados como passado, presente e futuro. E estes, novamente, para evitar uma semelhante contradição, devem por sua vez ser especificados como passado, presente e futuro.

Pelo exposto, a realidade da Série A levaria a uma contradição, devendo ser rejeitada. Dado que mudança e tempo requerem a Série A, a realidade da mudança e do tempo deve ser rejeitada, bem como a realidade da Série B, já que ela requer tempo. Nada seria, realmente, passado, presente e futuro. Nada seria, realmente, temporalmente anterior ou posterior a qualquer outra coisa, ou ainda temporalmente simultâneo. Nada realmente muda. E nada está, realmente, no tempo. Nem mesmo o próprio tempo, como veremos adiante nas objeções.

3. As Objeções à Irrealidade do Tempo Refutadas por MCTAGGART

McTaggart, então, levanta objeções à sua própria teoria, para depois provar a irrealidade de tais objeções. Uma objeção contra a Série A ser essencial para o tempo envolve ficções: embora não formem uma Série A (por exemplo, as estórias de Don Quixote não ocorrem no passado, nem no presente e nem no futuro), elas formam uma Série B (pois Don Quixote luta contra moinhos de vento depois de travar outras aventuras menos empolgantes).

Para o filósofo, uma ficção não existe e, portanto, não está no tempo. Assim, as séries formadas pelas estórias de ficção não são realmente temporais. Mas se alguém imaginar que certas ficções são ocorrências históricas, também acreditaria que elas estão numa Série A, sendo parte do passado, do presente ou do futuro.

A segunda objeção é baseada na possibilidade de haver várias séries do tempo independentes na realidade. Ou seja, poderia haver, na realidade, várias séries temporais, reais e independentes entre si, de forma que a distinção de passado, presente e futuro teria significado apenas dentro de cada série. Haveria, por exemplo, muitos “presentes”, de forma que as diferentes séries temporais, que são reais, seriam capazes de existir independentemente da distinção entre passado, presente e futuro.

Ao objetar a própria objeção, o filósofo afirma que tais diversos “presentes” seriam apenas presentes de diferentes aspectos do universo, de modo que existiriam diferentes tempos e, para cara um deles, a Série A sempre seria essencial. Mais ainda, se a existência de muitos tempos for incompatível com a necessidade da Série A para o tempo, então é a existência de

muitos tempos que deve ser rejeitada, já que há evidências positivas a favor da Série A, não havendo evidência para a existência de muitos tempos.

Outra objeção levantada por McTaggart está em que sua premissa para rejeitar o tempo seria que o tempo não pode ser explicado sem pressupor o próprio tempo, o que nos remete a um conhecido “trava-línguas”:

“O tempo perguntou pro tempo,
quanto tempo o tempo tem.
O tempo respondeu pro tempo,
que o tempo tem o tempo que o tempo tem.”

Contra esta objeção, o filósofo argumenta que uma ideia não pode ser válida para a realidade se a sua aplicação à realidade envolve uma contradição. Conforme acima demonstrado, as características dos eventos da Série A são mutuamente incompatíveis. A menos que essa contradição seja removida, a ideia de tempo deve ser rejeitada como inválida.

Mesmo se ignorarmos tal contradição, cumpre indagar se haveria alguma razão positiva pela qual devamos supor que a Série A seja real, por exemplo, com base na nossa experiência perceptiva de passado (*memória*), presente (*simultaneidade*) e futuro (*antecipação*). De fato, percepção direta e presente é um estado mental qualitativamente diferente da memória ou da antecipação futura de percepções.

Da forma mesma, atos simultâneos com percepções lembradas ou percepções antecipadas são considerados passados ou futuro, guardada a distinção entre percepções e antecipações ou memórias de percepções. Já uma percepção direta estaria presente quando eu a tenho, bem como o que é simultâneo com ela.

Estas percepções diretas, mantidas no aqui e agora, são aquelas classificadas por McTaggart como integrantes do chamado "presente ilusório". Além disso, só se pode ter memória ou antecipação. Este "presente ilusório" varia em extensão de acordo com as circunstâncias e pode ser diferente para duas pessoas ao mesmo tempo.

Com isso, o presente pelo qual realmente passam os eventos não pode ser qualificado como simultâneo, dado o “presente ilusório”. As durações de todos os presentes ilusórios são diferentes, de forma que um evento pode ter passado quando alguém ainda o esteja experimentando como presente, ou presente quando alguém o experimenta como passado.

Caso especulemos que o presente na Série A não seja de uma duração finita, mas um mero ponto, separando futuro do passado, o filósofo assevera que outras dificuldades sérias serão encontradas, uma vez que o tempo objetivo em que os eventos ocorrem seria algo totalmente diferente do tempo em que os percebemos.

O tempo percebido tem um presente de duração finita variável e, com o futuro e o passado, é dividido em três durações. Já este tempo objetivo teria apenas duas durações, separadas por um presente que não seria uma duração, mas um ponto. Essa abstração aberrativa do presente faria parecer que a negação da realidade do tempo não seria tão paradoxal.

Em qualquer hipótese, se aceitamos o tempo como real ou irreal, tudo seria observado de uma forma ilusória do presente. Então trataríamos a experiência como muito mais ilusória ao dizer que nada está em um presente contínuo, mas apenas em um ponto adimensional.

Como conclusão, nem o tempo, nem as Séries A e B realmente existem, dadas suas inconsistências, restando possível que a Série C realmente exista. Não encontramos na Série C as mesmas contradições encontradas nas outras séries e sua invalidade não segue da invalidade da Série A.

McTaggart afirma ser possível que as realidades que percebemos como eventos em uma série de tempo realmente formem uma série atemporal. Em assim sendo, haveria verdades e falsidades em nossa percepção das realidades como eventos no tempo. Através da forma enganosa do tempo ilusório, podemos compreender algumas de suas verdadeiras relações. Se dissermos que dois eventos são simultâneos, dizemos que ocupam a mesma posição na série supostamente temporal, embora não se trate realmente de uma série temporal.

4. A Realidade do Tempo Inscrita na Filosofia Teísta

Martin Luther King Jr.² (1929 - 1968) foi um pastor da igreja batista e ativista político norte-americano, que se tornou líder do movimento dos direitos civis nos EUA, de 1955 até seu assassinato em 1968. King é conhecido pela luta dos direitos políticos através da não-violência e desobediência civil, inspirado por suas crenças cristãs e o ativismo não-violento de Gandhi.

Em 14 de outubro de 1964, King ganhou o Prêmio Nobel da Paz por combater o racismo nos Estados Unidos através da resistência não-violenta. Em 1965, ajudou a organizar as Marchas de Selma a Montgomery. Nos seus últimos anos, ele ampliou seu ativismo contra a pobreza e a Guerra do Vietnã.

Antes de sua morte, King estava planejando uma ocupação em Washington, D.C., que seria denominada “Campanha dos Pobres”, quando foi assassinado em 4 de abril de 1968, em Memphis. Sua morte causou forte reação e foi seguida por manifestações em várias cidades dos

² Wikipedia. https://pt.wikipedia.org/wiki/Martin_Luther_King_Jr.

Estados Unidos. Alegações de que o assassino convicto de King, James Earl Ray, teria sido coagido ou agido em conjunto com agentes do governo persistiram por décadas após o tiroteio.

Em 04 de dezembro de 1951, enquanto estudante de Filosofia da Religião na Universidade de Boston, King escreveu um artigo intitulado “The Personalism of J. M. E. McTaggart Under Criticism”. Ao longo deste artigo, King rejeita muitas das opiniões de McTaggart, concluindo que “qualquer sistema que busque se estabelecer na irrealidade do tempo me parece racionalmente doentio e empiricamente não verificado.”, como segue:

“We have seen that he is totally negative on the idea of a Personal, creative God. To affirm the reality of a creative God would mean to affirm the reality of time, and this McTaggart will not do. Says he, “It seems to me that one empirically known characteristic which cannot really belong to anything that exists is the characteristic of Time.” We have also seen that McTaggart is usually negative on the idea of freedom. For these and many other reasons, we have found it necessary to reject most of McTaggart’s views. Any system which seeks to establish itself on the unreality of time seems to me rationally unsound and empirically unverified.” (KING, M. L., 1951)

No entanto, a bibliografia utilizada por King para tecer suas críticas a McTaggart cita as obras SDR - Some Dogmas of Religion (McTaggart, 1906) e Studies in Hegelian Cosmology (McTaggart, 1918), mas não cita *The Unreality of Time*. Isso porque o foco do artigo de King é a crítica à epistemologia e à metafísica do personalismo de McTaggart.

Para King, o personalismo seria geralmente considerado teísta por natureza. A própria palavra foi usada no início como um termo geral descritivo do teísmo, para distingui-lo do panteísmo. Embora seja verdade que a maioria das filosofias personalistas sejam teísta, houve algumas exceções, como no caso de McTaggart.

Em seu artigo, King combaterá este personalismo ateu de McTaggart. O próprio McTaggart se havia autodeclarado “personalista idealista”, pois acreditava que cada parte do conteúdo do espírito cai dentro de algum eu (*self*), e isso em parte cai dentro de mais de um eu (*self*), sendo que as únicas substâncias são egos, partes e grupos de egos ou partes de si mesmo.

Para discutir o sistema personalista de McTaggart, King começa discutindo a sua epistemologia. McTaggart declara ter sido realista, para quem o conhecimento era uma crença verdadeira quando, e somente quando, está em uma relação de correspondência com um fato. Não há relação de cópia ou similaridade entre conhecimento e fato. Sempre que algo é qualquer coisa, usando tanto “qualquer coisa” quanto “é” em sentido amplo, assim é também um fato.

Para King, McTaggart seria um dualista epistemológico, pois a série de pensamentos e as séries das coisas são “numericamente dois” e não “um”. Neste aspecto, McTaggart divergiria de Hegel, já que este seria um monista epistemológico: “conhecer” e “ser” são idênticos, sendo

o “Absoluto” coincidente com o “Pensamento” ou “Experiência”, para além dos quais não haveria realidade.

O mesmo não ocorre com McTaggart. Para King, existe uma alteridade para a consciência individual, que implicaria em uma distinção entre “conhecer” e “ser”, bastante familiar ao personalismo típico com o seu dualismo de pensamento e de coisa. Mas embora McTaggart e personalistas típicos estão de acordo quanto à validade de dualismo epistemológico, eles divergem quanto a como esse dualismo deve ser explicado.

O personalista típico encontra a única explicação satisfatória em um monismo teísta. Ele argumentaria que, se um Ser Inteligente é o primeiro motor das séries de coisas e de pensamentos, é possível compreender ao mesmo tempo seu dualismo e seu paralelismo. Ao se declarar ateuísta, McTaggart rejeita o postulado do Ser Inteligente e sua explicação dualista, na visão de King, ficaria prejudicada.

Sem um Ser Inteligente, que seria a fonte inicial (causal) e final (teleológica) tanto da série de pensamentos quanto da série de coisas, o paralelismo de pensamento e de coisa permaneceria como um enigma insolúvel, já que todo dualismo epistemológico requereria um monismo (absoluto e/ou teísta) para sua completude.

5. A Realidade do Tempo Inscrita na Lógica Teísta

Como vimos, McTaggart adere ao postulado de que não existe tempo se não há movimento ou mudança. Inclusive no que tange ao tempo mental, se nada mudasse em nossas mentes, não teríamos consciência do tempo. Para McTaggart, Deus não existe e o tempo é irreal. Para Martin Luther King, Jr, ao contrário, afirmar a realidade de um Deus criativo implica na afirmação da realidade do tempo.

Neste diapasão, Dean W. Zimmerman, professor do Departamento de Filosofia da Rutgers University, inscreve a existência de Deus no tempo e antes da criação. Para Zimmerman (2011), a maioria dos filósofos que afirmam que o tempo envolve mudança entendem que, para viabilizar a passagem do tempo, algumas coisas, em determinados lugares, devem estar mudando, ainda que intrinsecamente. O filósofo propõe assumir a seguinte tese sobre o tempo, para verificar as consequências para a relação entre Deus e a ordem temporal:

(A) Necessariamente, para todos os tempos t e t^* , t é anterior a t^* se e somente se (1) há uma propriedade intrínseca P tal que algo deixou de ter ou começou a ter após t , mas antes de t^* , ou (2) algo surgiu ou deixou de existir após t , mas antes de t^* . (ZIMMERMAN, 2011).

Filósofos como Aristóteles, Tomás de Aquino e Leibniz parecem estar total ou parcialmente comprometidos com esta proposição, ao mesmo tempo que mantêm visões diferentes sobre a eternidade de Deus e o início dos tempos. Para Leibniz, a mera possibilidade de algo ter ganhado ou perdido uma propriedade é suficiente para abrir uma lacuna temporal.

Outra proposição lógica a ser assumida sobre o tempo considera um momento antes do qual nada de fato diferiu em quaisquer de suas propriedades ou relações, de forma que não houve intervalo temporal antes desse momento:

(A1*) Se um tempo t é tal que (1) não há propriedade intrínseca P tal que algo deixou de ter ou começou a ter antes de t , e (2) nada passou a existir ou faleceu antes de t , então t é o primeiro instante de tempo. (ZIMMERMAN, 2011).

Abstratamente, existem quatro possibilidades: (1) Deus é atemporal e o tempo teve um começo; (2) Deus é atemporal e o tempo não teve começo; (3) Deus é temporal e tempo teve um começo; e (4) Deus é temporal e o tempo não teve começo. Há filósofos que aceitam (1), (2) e (4), mas é difícil conciliar (3) com a premissa da eternidade divina. Ao explorar o temporalismo, Zimmerman analisará a proposição (4) em conjunção com (A) e (A1).

Na conjunção de (4) e (A), a eternidade de Deus consiste em não haver intervalo (finito) de tempo tal que Deus não existe antes desse tempo, nem um intervalo (finito) tal que Deus não existe depois daquela vez. (É importante falar de intervalos e não instantes, pois se o tempo começou com um intervalo aberto contínuo de instantes, de finito comprimento, cada instante seria precedido por instantes em que Deus existia, mas ele teria uma história passada finita.)

Mas, dado (A1), a existência passada infinita de Deus teria sido caracterizada por mudanças constantes. Se Deus e outras coisas existiram durante um intervalo, a mudança pode não ter envolvido Deus diretamente. Mas se houvesse período durante os quais apenas Deus existia, então o próprio Deus deve ter passado por constantes mudanças intrínsecas durante esses tempos.

Alguns sustentaram que a criação é coeterna com Deus, mas dependente Dele - como uma pegada na areia formada por um pé por toda a eternidade. Mas para aqueles que aceitariam (4) e (A), Deus existiu por si mesmo, por um período infinito de tempo, mudando constantemente, o que parece implausível.

O filósofo conclui ser difícil ser um temporalista divino e aceitar a tese filosófica de que não há tempo sem mudança. Caso se sustente que Deus existia inscrito no tempo e fosse

imutável antes da criação, a principal premissa de McTaggart (relação necessária entre tempo e mudança) estaria descartada *ab initio*.

5. Para um Ateu que Acredita na Imortalidade da Alma, o Tempo Seria Real ou Irreal?

Em seu livro “Human Immortality and Pre-Existence” (McTaggart, 1916), McTaggart postula a imortalidade do homem (*i.e.* do “*self*” ou do si próprio), evitando em postular a imortalidade da alma. Segundo o filósofo, é costume dizer que um homem tenha uma alma, não que ele seja uma. Colocar a pergunta da imortalidade no formato ‘*o homem tem uma alma imortal?*’, seria logicamente absurdo esperar uma resposta afirmativa.

Isso significaria dizer que o homem era um corpo, ou algo que morreu com o corpo (que, portanto, não era imortal) e aquele algo que o homem possuía toda a vida, mas que não era si próprio, foi libertado com a sua morte para continuar existindo por conta própria. Por tais razões, o filósofo não fala de almas, mas sim reposiciona a questão como: ‘*o homem é imortal?*’

É importante notar que, na tradição indiana, as palavras em sânscrito *purusha* e *atman*, traduzidas no ocidente como “alma”, significam, literal e respectivamente, “homem” e “*self* ou si próprio”, de forma que a semântica da língua sânscrita naturalmente mitigaria os problemas aqui levantados.

McTaggart acredita que a natureza do homem é tal que ele não pode cessar enquanto o universo continuar a existir; ou que sua natureza é eterna e que, sendo eterna, não pode ter fim no tempo. Assim, para se provar a imortalidade, o filósofo teria que provar a pré-existência (*i.e.* o homem já existia antes do seu nascimento).

Aqui se revela uma aparente contradição entre os textos de McTaggart. Vejamos.

Ao estudarmos as Séries A e B, vimos que a proposição “o nascimento de Anne é futuro” é verdadeira durante todo o tempo passado ao nascimento de Anne e é falsa durante todo o tempo futuro ao nascimento de Anne. O posicionamento temporal provido pela Série A permite que haja uma mudança no valor lógico de verdade das proposições que descrevem os eventos.

Contrariamente à dinamicidade da Série A, a Série B seria pensada por McTaggart como estática, pois não permite a mudança no valor de verdade das proposições que descrevem os eventos nela posicionados, e nem permite que haja mudanças em suas posições temporais, já que o posicionamento dos eventos é realizado através das noções de anterioridade (*antes de*), posterioridade (*depois de*) e simultaneidade.

Se, por exemplo, “a concepção de Anne” é anterior ao “nascimento de Anne”, em princípio nada que ocorra poderá mudar sua posição temporal e nem o valor de verdade desta proposição.

Se mudarmos a posição temporal, resultando em “o nascimento de Anne é anterior à concepção de Anne”, a proposição resultante seria logicamente falsa.

Mas a partir do momento em que consideramos a proposição “Anne é imortal”, nem a concepção de Anne, nem o nascimento de Anne e nem a morte de Anne se mantêm como proposições válidas ou verdadeiras. A eternidade de Anne consiste em não haver intervalo (finito) de tempo tal que Anne não exista antes desse tempo, nem um intervalo (finito) tal que Anne não exista depois daquele momento.

Então McTaggart, inevitavelmente, terá que discutir os conceitos de passado, presente e futuro em bases diferentes daquelas discutidas no artigo *A Irrealidade do Tempo*. A nova base seria a *eternidade*. O filósofo não vê como a existência no futuro poderia ser necessária para qualquer ser cuja existência no passado é admitida não ser necessária.

Então ele pergunta: se é consistente com a minha natureza eterna que a sua manifestação temporal deve começar em algum ponto no tempo, poderíamos encontrar alguma razão para supor que a cessação dessa manifestação em outro ponto no tempo seria inconsistente com aquela natureza?

O que no parece contraditório é continuar a sustentar a irrealidade do tempo, a partir do momento em que os eventos “nascimento” e “morte” deixam de ser posicionados na Série A ou na Série B e passam a ser posicionados na Série da Eternidade. Como discutir o conceito de mudança para uma Anne, real e eterna, diferente daquela Anne que nasce e que morre, portanto, irreal e impermanente?

Se Anne sempre foi Anne, desde toda a eternidade e para toda a eternidade, as mudanças intrínsecas a Anne não teriam começo, nem teriam fim? Como capturar a essência de Anne, se a qualquer momento Anne permanecesse em constante mudança? As inquietantes contradições das mudanças eternas intrínsecas em Anne somente cessariam com a atribuição do status de realidade ao tempo eterno, que não necessariamente pressupõe movimento e mudança.

De fato, McTaggart conclui que qualquer demonstração de imortalidade é provável para mostrar que cada um de nós existe através de todos os tempos – passado, presente e futuro - quer o tempo seja mantido como finito ou como infinito/eterno.

Ao discorrer sobre o amor, o filósofo postula que se o amor juntou duas pessoas em uma dada vida ou encarnação, haveria um bom motivo para acreditar que suas existências estão ligadas entre si, não apenas por uma vida, mas para sempre. Isso envolveria tanto seu encontro em todas as vidas ou encarnações, como também envolveria seu encontro todos os dias de uma dada vida ou encarnação. Enquanto restar tempo, a proximidade eterna destas pessoas deve

continuamente encontrar sua expressão na proximidade em cada vida temporal. Ao nosso ver, a expressão “*enquanto restar tempo*” implica na concessão do status de realidade ao tempo.

6. A Laguna Explicativa de McTaggart Preenchida pela Filosofia SĀMĀKHYA?

A palavra sânscrita *Sāmkhya* (“número”, em português) possui diversos significados, tais como, enumeração, busca, análise, cálculo, discriminação e investigação das categorias da existência. A filosofia *Sāmkhya* é essencialmente dualista, possuindo uma concepção do mundo baseada na presença de dois princípios, duas substâncias ou duas realidades opostas, irreduzíveis entre si e incapazes de uma síntese final ou de recíproca subordinação. Conforme mencionado acima, esta escola estabelece uma dissociação ou discriminação entre *Prakṛti* e *Puruṣa*.

Assim, todos os fenômenos manifestos são efeitos de uma causa primordial, chamada de *Prakṛti*, também entendida como matéria imanifesta, predicada e constituída pelas *guṇas* (comumente traduzidas como “qualidades”) denominadas de *sattva* (estabilidade), *rajas* (movimento) e *tamas* (inércia). A *Prakṛti* é a fonte originária de todos os fenômenos, o que inclui as intuições, o ego, a mente e as demais partes corpóreas sutis e densas dos seres animados, assim como os elementais terra, água, fogo, ar e éter, todos conjuntamente denominados de *tattvas*.

A mente, o ego e a intuição (*manas*, *ahaṁkāra* e *buddhi*) formam o órgão controlador dos processos vitais, que estão estabelecidos nas faculdades de receptividade, constituídas pelos cinco órgãos de recepção (visão, audição, olfato, paladar e tato) e as faculdades de ação, que possuem cinco órgãos de ação (fala, ato de segurar, locomoção, evacuação e procriação).

Em oposição à *Prakṛti*, o *Puruṣa* (“homem”, em português) se aproxima da ideia de espírito ou Consciência eterna. *Puruṣa* também deve ser entendido pela noção de “observador” ou da “Consciência que observa” ou testemunha, de forma neutra, os fenômenos da *Prakṛti*. *Puruṣa* não se identifica com os fenômenos que testemunha, nem interage com eles. *Puruṣa* é a consciência transcendental que “só observa, nunca se engana e tudo sabe”.

O *Sāmkhya* explica que a criação começa quando as *guṇas* entram em desequilíbrio, fazendo com que *Puruṣa* ilusoriamente entre em contato com a *Prakṛti* imanifesta. Este desequilíbrio das *guṇas* e o aparente encontro de *Puruṣa* com a *Prakṛti* faz com que a matéria se manifeste e evolua para toda a criação observável, desde a mais sutil à mais grosseira: intelecto, ego, mente, corpo, sentidos e todos os demais objetos da natureza. A *Prakṛti* continua

a evoluir para satisfazer as necessidades de *Puruṣa*, retornando ao seu estado original imanifesto quando a libertação soteriológica de *Puruṣa* for alcançada.

De acordo com esta corrente filosófica, no início da criação, *Puruṣa* se envolveu na *Prakṛti* e se tornou ignorante de que não está, de fato, emaranhado na matéria. O *Sāṃkhya* alega que somente a *Prakṛti* (mas não *Puruṣa*) tem experiências de prazer e dor. Ainda que *Puruṣa* nunca se misture com a *Prakṛti*, o corpo sutil conhecido como *Buddhi* ou *Mahat*, ao evoluir com a manifestação da *Prakṛti*, pode causar a ilusão de que *Puruṣa* também experencia prazer e dor.

No *Sāṃkhya*, existem 24 *tattvas* (ou partes da matéria física): terra, água, fogo, ar e éter (os cinco *mahabhutas*), olfato, paladar, visão, tato e som (os cinco *tanmatras*), nariz, língua, olhos, pele e ouvido (os cinco *gnanendriyas*), ânus, genitais, pés, mãos e boca (os cinco *karmendriyas*), além da mente (*manas*), do ego (*ahamkara*), e da intuição ou sabedoria superior (*mahat/buddhi*) e, finalmente, a matéria imanifesta (*Prakṛti*).

No importante texto da tradição *Sāṃkhya* denominado *Sāṃkhyakārikā*, a estrofe ou *kārikā* XXXIII afirma que *mahat* (inteligência universal) ou *buddhi* (intelecto individual), *ahamkara* (ego) e *manas* (mente) são considerados órgãos internos (*antahkarana*), que atuam no passado, no presente e no futuro. Já os dez *indriyas* (cinco *gnanendriyas* - nariz, língua, olhos, pele e ouvido; e cinco *karmendriyas* - ânus, genitais, pés, mãos e boca) compõem os órgãos externos e atuam somente no presente.

Tanto para *Īśvarakṛṣṇa* (1933), autor do *Sāṃkhyakārikā*, como para McTaggart, a concepção, o nascimento e a morte de Anne correspondem à concepção, nascimento, desenvolvimento e perecimento dos dez *indriyas* (nariz, língua, olhos, pele, ouvido, ânus, genitais, pés, mãos e boca). A “Anne irreal” estaria inscrita nas Séries A e B do tempo irreal de McTaggart. Analogamente, esta “Anne irreal” estaria inscrita somente no tempo presente do *Sāṃkhya*.

Da mesma forma, tanto para *Īśvarakṛṣṇa*, autor do *Sāṃkhyakārikā*, como para McTaggart, a intuição, o ego e a mente, considerados como órgãos internos experienciados sempre e somente em primeira pessoa por Anne, atuam subjetiva e idealmente no passado, no presente e no futuro. Os filósofos do *Sāṃkhya*, bem como McTaggart, são ateístas e acreditam que o Homem (“Man” em inglês e “*Puruṣa*” em sânscrito) ou a Consciência individual corresponde à “Anne Imortal”.

No entanto, o *Sāṃkhya* vai além e preenche a lacuna explicativa de McTaggart: como pode o tempo ser irreal e o Homem ser eterno? Em outro texto chave da literatura *Sāṃkhya*,

intitulado *Sāmkhyasūtra*: o *sutra* nº 12 da Parte II deste texto afirma que o tempo e o espaço **relativos** surgem do éter. Em seus comentários, o sábio Kapila (1852) interpreta este aforismo da seguinte forma:

O Espaço e o Tempo, que são Eternos e Absolutos, sendo a fonte do Éter, são realmente tipos de qualidades da Natureza: portanto, é consistente que o Espaço e o Tempo sejam onipresentes. Mas o espaço e o tempo limitados surgem do Éter, pela conjunção deste ou daquele objeto limitador: tal é o significado.

Para o sábio Kapila, há duas espécies de tempo: o Tempo Eterno e Absoluto, que é uma das qualidades da *Prakṛti* ou Natureza Imanifesta e outro tempo limitado, que surge destes ou daqueles objetos limitadores (*tattvas*) que compõem a multiplicidade da *Prakṛti* ou Natureza Manifesta. O éter atua como um “portal temporal platônico”: ele é criado pelo Tempo Absoluto ou Real no mundo inteligível e é o criador do tempo relativo ou irreal no mundo sensível.

7. Conclusão

No início deste trabalho, citamos os filósofos gregos Sócrates, Platão e Aristóteles e seu entendimento de Chronos como o deus do tempo, aquele tempo inexpugnável que rege os destinos e a tudo devora, inclusive a existência e a realidade de McTaggart, de *Íśvarakṛṣṇa* e do sábio Kapila. Para os gregos, Chronos era a palavra atribuída ao “tempo dos homens”, ou seja, o tempo físico, que é cronológico e que segue uma ordem. Chronos representa a característica destrutiva do tempo, o qual consome todas as coisas.

Na narrativa grega (Arantes, 2015), Kairós era um dos filhos de Chronos. Ao contrário de seu pai, Kairós expressava uma ideia considerada metafórica do tempo, isto é, o tempo não-linear e que não se pode determinar ou medir, uma oportunidade ou até mesmo a ocasião certa para determinada coisa. Em outras palavras, o momento certo, o momento oportuno.

O pensamento de Demócrito circulou constantemente em torno do tempo como uma entidade eterna e não criada. Já para Platão, chronos foi criado junto com os céus estrelados e perecerá juntamente com o perecimento dos céus, sendo relativo e limitado. O chronos platônico era definido como a imagem móvel da eternidade (esta sim, Absoluta), visto que chronos era uma medida temporária na dimensão física, fazendo parte de uma realidade inferior.

Já Plotino afirmava que o tempo é uma *energia incansável da alma do mundo*, cujo intuito é imprimir, nas formas materiais, a plenitude infinita do ser, aproximando-se também do conceito de Tempo Absoluto. Por outro lado, ao transferir o interesse do problema da

existência para a análise dos existentes, como a única maneira de se descobrir a realidade, Aristóteles considerava o tempo como mera enumeração de movimentos no tocante a eventos anteriores e posteriores, tal e como a Série B de McTaggart, cujo tempo não teve princípio.

Para Aristóteles, a natureza é movimento e mudança. Assim, tempo, mudança e transitoriedade são termos similares. Os deuses, as almas platônicas e o mundo divino foram concebidos como sendo isentos de transitoriedade e de mudanças, sendo, portanto, incompatível a sua inscrição no contexto de *chronos*, mas somente na eternidade ou no Tempo Absoluto e Real.

McTaggart, um filósofo ateu, demonstrou coerentemente a irrealidade das Séries A e B temporais. Uma aparente incoerência parece surgir quando este mesmo filósofo ateu postula a imortalidade do Homem. Filósofos teístas como Martin Luther King, Jr e, sobretudo, Dean Zimmerman demonstraram a incompatibilidade de se associar a existência de um Deus com a irrealidade do tempo. Em nossa visão, os mesmos argumentos utilizados por estes teístas poderiam ser aplicados para demonstrar a incompatibilidade de se associar o Homem Eterno com a irrealidade do tempo.

O *Sāṃkhya* preenche a lacuna explicativa de McTaggart, ao postular duas espécies de tempo: o Tempo Eterno e Absoluto, que é uma das qualidades da *Prakṛti* ou Natureza Imanifesta (ou seja, a natureza em estado neutro, sem movimento e sem mudança) e outro tempo limitado, que surge de objetos limitadores (*tattvas*) que compõem a multiplicidade da *Prakṛti* ou Natureza Manifesta. O éter atua como um portal temporal: ele é criado pelo Tempo Absoluto ou Real e é o criador do tempo relativo ou irreal.

Não menos difíceis e estreitos são os caminhos dos filósofos teístas, que preenchem toda a lacuna explicativa por meio da existência de Deus. Afinal, todas as coisas que Deus fez são boas, no seu tempo (*kairós*), tendo Deus posto no coração do homem a Eternidade, sem que ninguém possa compreender a obra Divina de um extremo ao outro³.

Ao prescindir da existência de Deus, o *Sāṃkhya* postula que Espaço e Tempo são entes Eternos, Absolutos e Onipresentes, sem início e sem fim. Mais do que versar sobre metafísica ou epistemologia especulativa, o objetivo fulcral do *Sāṃkhya* é o aniquilamento do sofrimento em todos os planos, sendo, portanto, uma epistemologia marcadamente soteriológica.

A ontologia da união da consciência (*Puruṣa*) com a matéria (*Prakṛti*) é a contemplação da natureza pela consciência. E a ontologia da união da matéria (*Prakṛti*) com a consciência

³ Bíblia Sagrada. Livro do Eclesiastes, 3: 10- 11.

(*Puruṣa*) é a liberação da consciência de todo o sofrimento. Há um tempo determinado (*kairós*) para se contemplar o efêmero (e sofrer) e há um tempo determinado (*kairós*) para deixar de contemplar o efêmero (e deixar de sofrer). A chave da soteriologia está na compreensão de que Anne não nasce, nem morre, mas a sua consciência, quando liberta do sofrimento, é eterna e real.

Referências

ARANTES, PAULO CORRÊA. **Kairós e Chronos: Origem, Significado e Uso.** Revista Pandora Brasil - Nº 69, Dezembro de 2015 - ISSN 2175-3318

BÍBLIA SAGRADA. **Livro do Eclesiastes**, 3: 10- 11.

CID, RODRIGO. **McTaggart e o problema da realidade do tempo.** Argumentos - Revista de Filosofia. Ano 3, nº 5- 2011.

GRAVES, R. **O Grande Livro dos Mitos Gregos.** Harmondsworth: Penguin, 1955.

ÍSVARAKRṢṢNA. **Sāṁkhyakārika - Ísvarakṛṣṣna Memorable Verses on Sāṁkhya Philosophy with the Commentary of Gaudapadacarya.** Poona Oriental Series no. 9. The Oriental Poona Agency. 1933.

KING, M. L. **The Personalism of J. M. E. McTaggart Under Criticism,** Stanford, Boston University, 1951.

MCTAGGART, J. E. **The Unreality of Time.** Mind: a quarterly Review of Psychology and Philosophy, n. 17, p. 456-473, 1908.

_____, J.E. **SDR - Some Dogmas of Religion.** London: Edward Arnold, 1906.

_____, J.E. **Studies in Hegelian Cosmology.** Cambridge: University Press, 1918.

_____, J.E. **Human Immortality and Pre-Existence.** Second impression. Edward Arnold. London, 1916.

PESSOA JR., Osvaldo, **Tradução para o curso de Filosofia da Física (USP, 2011) de McTaggart, J.M.E. The Unreality of time,** Mind 17, 1908, pp. 456-73. Pg. 9.

OXFORD DICTIONARIES: **"Time"**. Oxford University Press. 2011. Archived from the original on 4 July 2012. Retrieved October 02 2020.

SAGE KAPILA. **The Sāṁkhya Sutras of Kapila.** Translated by James R. Ballantyne. 1852.

WIKIPEDIA. https://pt.wikipedia.org/wiki/Martin_Luther_King_Jr. accessed in October 02 2020.

ZIMMERMAN, Dean W. **God Inside Time and Before Creation.** Rutgers, The State University of New Jersey. January 2011.

CRITIQUE TO THE UNREALITY OF TIME BY JOHN MC TAGGART

Abstract

John E. McTaggart does not exist, nor is he real. The philosopher mythologized time and asserted that time was unreal. In Greek mythology, Chronos is the king of the titans and the god of impregnable time, which devours everything, including the reality of McTaggart. The

philosopher presents two ways of distinguishing positions in time: Series A and B. In Series A, events occur in time with the notions of past, present and future, changing their temporal position and the logical truth value of the propositions that describe the events. Series B, on the other hand, is static and does not allow the change in the truth value of the propositions that describe the events: previous, posterior or simultaneous. The reality of Series A and B would lead to a contradiction and should be rejected. Nothing changes, nor would it really be past, present and future. Martin Luther King Jr's theistic philosophy rejects the unreality of McTaggart's time. For Dean W. Zimmerman, if it is maintained that God existed in time and was immutable before creation, McTaggart's necessary relationship between time and change would be ruled out *ab initio*. But for McTaggart, Man (or the soul) is eternal and real. McTaggart's explanatory gap, having unreal time on one side and man's eternity on the other, is filled by *Sāṃkhya* (an Indian philosophy), which distinguishes absolute and relative times and spaces.

Keywords: unreality of time, McTaggart, Series A and B, *Sāṃkhya*, absolute time, relative time.